



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2023

AS TRINCHEIRAS DO COTIDIANO: LUTAS POPULARES, ASSOCIATIVISMO E RESISTÊNCIAS DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE LAGOA GRANDE, MATINHA DOS PRETOS E CANDEAL 2

Yuri Caetano do Carmo¹; Emmanuel Oguri Freitas²

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em Licenciatura em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: contato.yuricaetano@gmail.com
2. Orientador, Departamento de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: emmanuel.of@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Quilombo; Resistências; Feira de Santana-BA.

INTRODUÇÃO

No ano de 2021 uma movimentação que fechou durante alguns dias a garagem de uma das operadoras do serviço público de transporte da cidade de Feira de Santana chamou atenção por seus proponentes. Nesta ocasião, o grupo que se apresentou enquanto organizador daquele protesto intitulou-se “Movimento dos Trabalhadores Rurais” e exalou sua rebelião contra a diminuição das frotas que prestavam serviço nas zonas rurais do município em uma das mais marcantes movimentações ocorridas na cidade em anos.

No amago deste grupo, estavam sujeitos com trajetórias muito similares, sendo os seus principais articuladores das comunidades quilombolas reconhecidas e registradas pela Fundação Cultural Palmares (FCP) em Feira de Santana: Lagoa Grande, Matinha dos Pretos e Candéal II. A união deste grupo chama a atenção por não se tratar da primeira vez em que uma frente de disputa pela cidade surge com essas origens, sendo evento recorrente e frequente na memória popular de Feira. Neste sentido, a presente pesquisa se situou na tentativa de investigar os motivos por trás desta junção e, em especial, o papel das associações comunitárias e dos indivíduos que às mobilizam com objetivos diversos.

Compreendendo as reflexões de Reis e Silva (1989), Moura (1981 e 2004) e Gomes (2015), também foi uma preocupação deste plano de pesquisa entender o papel da quilombagem histórica na composição deste grupo no presente, tecendo suas conclusões forradas pelos estudos de Souza (2016) e Cardoso (2021) acerca das comunidades quilombolas de Feira de Santana para levar em consideração seus aspectos específicos e a trajetória de rebeldia que as formou e continua dando forma.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

Fazendo uso da metodologia da pesquisa histórica, os trabalhos do plano de pesquisa foram tocados através do cruzamento de duas tipologias de fontes:

- **as orais:** provenientes dos próprios quilombolas das comunidades dentro do escopo da pesquisa através de processos de rememoração coletiva (HAMILTON, 2006, p. 85) ou de entrevistas individuais e por meio dos quais evidenciou-se a origem comum dos quilombos no escopo da pesquisa: a rebelião contra a escravidão na Fazenda Candéal e a formação do quilombo da Matinha dos Pretos
- **as documentais:** sendo estas originadas dos próprios quilombos ou de acervos mnemônicos officiosos como:
 - Arquivo Público Municipal de Feira de Santana: Local onde foram investigados documentos como o “Livro de impostos rurais do Distrito de São José (1928)” através do qual evidenciamos que até pelo menos o ano de 1923 as terras da antiga Fazenda Candéal - espaço de escravização em Feira de Santana – ainda se encontravam legalmente na mão dos herdeiros de Antônio Alves.
 - Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional: Local de onde retiramos o excerto da página 41 da edição de domingo, 19 de outubro de 1976 do periódico carioca Jornal do Brasil intitulado de “PM de Salvador executa lavrador” acerca do assassinato de Joaquim Pereira dos Santos, pertencente à comunidade de Candéal II.

Para além disto, os trabalhos realizados na tarefa de investigar a realidade prática dos quilombos também envolveram a vivência direta nestes espaços e a participação em movimentações, reuniões e formulações de estratégias de luta, configurando o exercício desta pesquisa enquanto uma pesquisa-ação com um pano de fundo de uma ação militante para a captação fidedigna da materialidade que atravessa os sujeitos pesquisados.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

A partir das observações orientadas pelos parâmetros metodológicos supracitados, pudemos analisar que, em um campo de vista macrohistórico, a luta pela abolição teria seguido um caminho de dubiedade que dividiu o seu movimento predominantemente em “aboliconismo tradicional” (MOURA, 1981) e “aboliconismo radical”. Este mesmo movimento que teve origem nos quilombamentos, que o Brasil viveu desde o início da escravização africana em seu território, foi também recortado pela estrutura do Estado brasileiro que se formou durante a consolidação deste.

O resultado deste processo, em nossa leitura, foi uma abolição da escravatura em 13 de maio de 1888 que não efetivou a verdadeira emancipação dos povos negros. Nesse sentido, a declaração de guerra – formatada no contexto do quilombamento – da negritude contra a escravidão não conseguiu chegar à um cessar fogo comum, fazendo

com que, no pós-abolição, a luta que um dia teria sido contra a instituição mais lucrativa do Brasil se tornasse a batalha contra a sua herdeira avassaladora: o racismo.

Inseridos nessa realidade, os quilombos de Feira de Santana – que se evidenciaram, através da oralidade ou das linhagens de parentesco consanguíneo, uma origem comum: a escravidão na Fazenda Candeal que ocorrera até o século XIX - tiveram suas trajetórias marcadas pela necessidade de ressignificar as suas batalhas por (re)existência também após a abolição. Inferimos em nossa investigação que, cronologicamente, no contexto feirense os momentos de luta dos quilombos estão organizados da seguinte forma:

ESQUEMA 01: Linha do tempo correlacionando os momentos de luta das comunidades quilombolas de Feira de Santana ao longo do tempo.



FONTE: Confecção pelo autor

Esses momentos são confeccionados pela continuidade da rebelião negra, influenciada diretamente pela “consciência de fazer explodir o *continuum* da história” que é “própria às classes revolucionárias no momento da ação” (BENJAMIN, 1987, p. 5), sendo a organização do movimento quilombola feirense a evidenciação da revolução que estes sujeitos pretendem há muitos séculos na cidade e no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Na luta pela terra que fora o destaque da disputa dos quilombolas de Feira de Santana até meados da década de 70 – quando o episódio do assassinato de Joaquim Pereira promove a passagem desta para a luta por território, direito a cidade e reconhecimento – traz luz às problemáticas de uma abolição que jamais fora efetivada com objetivo de emancipação. Reunificados novamente ali, os quilombolas rememoram a luta de seus antepassados na Fazenda Candeal como motor de sua luta no presente.

Ao deixar como herança para a sociedade o racismo, a escravidão promoveu a manutenção do estado de guerra contra o povo negro brasileiro e, portanto, contra todos aqueles que se organizaram em quilombos. Feira seguiu este caminho e ainda o remonta todos os dias.

As associações comunitárias aparecem dentro das comunidades remanescentes de quilombo enquanto os novos redutos de organização de táticas e estratégias de luta na disputa por um Brasil que verdadeiramente emancipe este povo. Até lá, e por ocasião do

quilombo não parar de sofrer ataques diretos – muitos deles cancelados pelo Estado e que estão em andamento até os dias de hoje, como é o caso das invasões dos territórios quilombolas por empreendimentos residenciais, comerciais e especialmente de eletricidade (FREITAS; CARMO, 2023) – o Movimento Quilombola não irá descansar. Nem em Feira de Santana e nem em qualquer lugar da nação.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito da história, 1940. In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas Vol. 1: Magia e técnica, arte e política**. Tradução: Sérgio P. Rouanet. 3. ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1987. E-book (257 p.).
- FONSECA, Luana C. **Memória de Luta: conflito pela posse da terra em Feira de Santana - BA 1970-1980**. Orientador: Prof. Dr. Clóvis Frederico Ramaiana Moraes Oliveira. 2021. 86 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, BA., Feira de Santana, BA, 2021. Disponível em: http://www.historia.uefs.br/arquivos/File/Monografias_Defendidas/2021/Monografia_Luana_Cardoso_Fonseca.pdf. Acesso em: 25 maio 2022.
- FREITAS, Emmanuel O.; CARMO, Yuri C. “DIGA AO POVO QUE AVANCE”: Quilombos de Feira de Santana-BA contra os empreendimentos de eletricidade. **Anais do 10º Encontro da Rede de Estudos Rurais: Terra, fome e poder: desafios para o rural contemporâneo**, São Carlos, SP, 2023. Disponível em: <http://redesrurais.org.br/artigos/artigo-2473a2b3f280865d75cd99b5798344a6875651c6-arquivo.pdf>. Acesso em: 3 set. 2023.
- GOMES, Flávio dos S. **Mocambos e Quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil**. São Paulo, SP: Claroenigma, 2015. Ebook (127 p.).
- MOURA, Clóvis. A quilombagem como expressão de protesto radical. In: MOURA, Clóvis (org.). **Os quilombos na dinâmica social do Brasil**. Maceió, AL: EDUFAL, 2004. p. 103 - 113. Ebook (380 p.).
- _____. **Os quilombos e a rebelião negra**. 5ª ed. São Paulo, SP: Editoria Brasiliense S. A., 1981. 100 p.
- REIS, João J.; SILVA, Eduardo. **Negociação e Conflito: A resistência negra no Brasil escravista**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1989.
- SOUZA, Railma dos Santos. **Memória E História Quilombola: Experiência Negra Em Matinha Dos Pretos E Candeal (Feira De Santana/Ba)**. Orientador: Prof.ª Dr.ª Rosy de Oliveira. 2016. 138 f. Dissertação (mestrado) – Mestrado Profissional Em História Da África, Da Diáspora E Dos Povos Indígenas, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Centro de Artes, Humanidades e Letras, 2016.
- THOMSON, Alistair; FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). **Usos & Abusos Da História Oral**. 8ª. ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV, 2006. cap. 6, p. 65 - 90. ISBN 85-225-8288-5. E-book (308 p.).